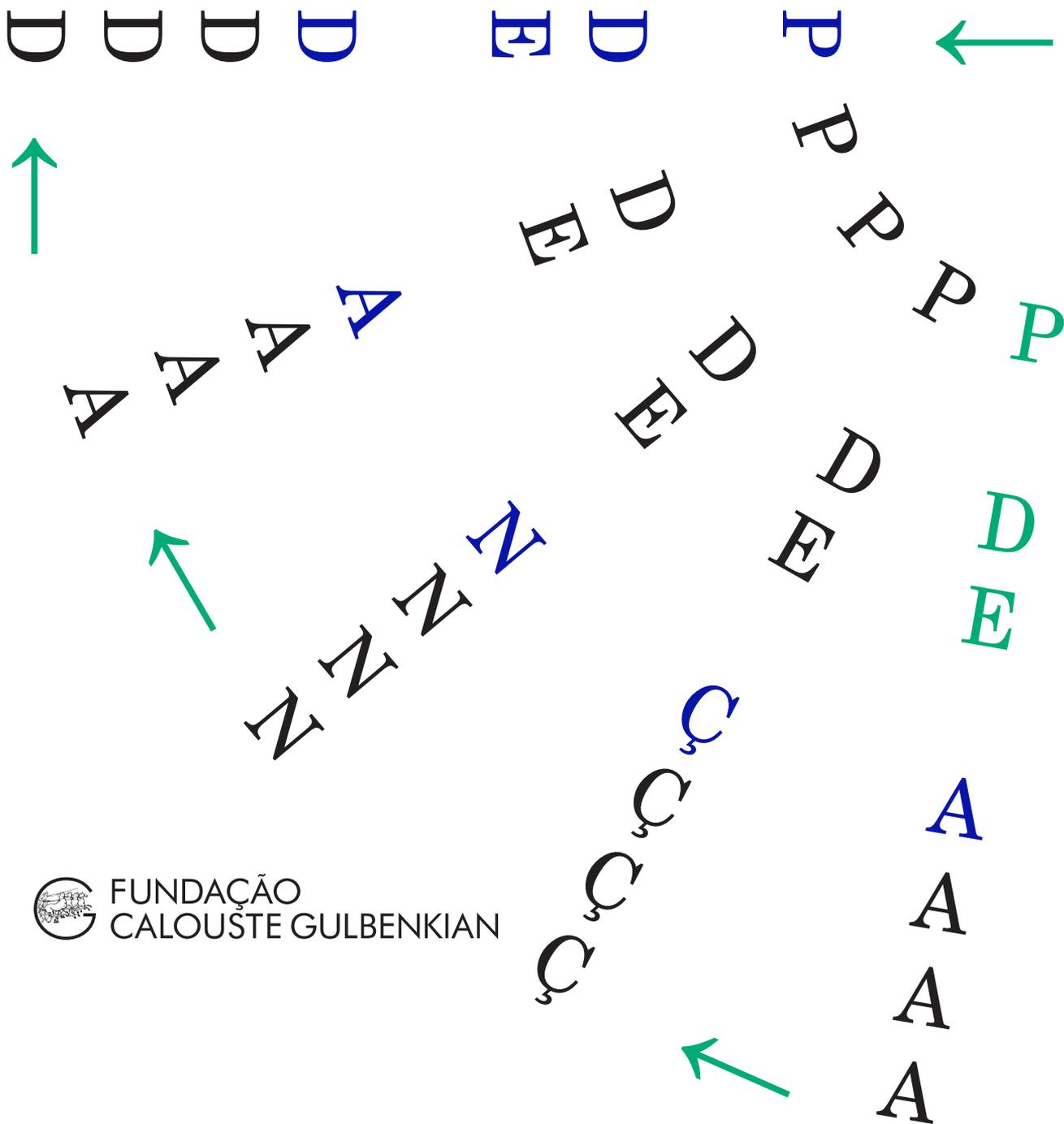


PROGRAMA



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

*p de dança....
a Gulbenkian e a dança
em Portugal*

24-27.jun 1-4.jul 2021

GULBENKIAN.PT

Trovoada (2014)

LUÍS GUERRA8

Velvet N° Goldmine (2016)

AURORA PINHO9

Nameless Natures (2015)

JOANA VON MAYER TRINDADE10

Perto... tanto quanto possível (2014)

JOANA CASTRO11

Cocoon (2017)

MATTHIEU EHRLACHER12

O Museu Invisível (2013)

LUÍS MIGUEL FÉLIX & BEN EVANS13

I'd rather not – conversa/demonstração

ANDRESA SOARES, JOÃO FERRO MARTINS & VERA MANTERO14

Museu Encantador (2014, 2021)

JOANA LEVI & RITA NATÁLIO15

Gesächt + Tutuguri (2016)

FLORA DÉTRAZ16

Kin (2014)

DAVID MARQUES17

A Power Ballad (2013)

MARIANA TENGNER BARROS & MARK TOMPKINS18

Reiposto Reimorto (2015)

CATARINA MIRANDA19

Something Still Uncaptured (2013)

MARIA RAMOS20

Um gesto que não passa de uma ameaça (2011)

SOFIA DIAS & VÍTOR RORIZ21

MB#8 (2011)

MIGUEL BONNEVILLE22

In the fall the fox, e na queda raposar (2014)

SÓNIA BAPTISTA23

Do we dream every night? (2015)

VITALINA SOUSA24

Em Deriva (2010)

ANTÓNIO PEDRO LOPES & GUSTAVO CIRÍACO25

Cyborg Sunday (2014)

DINIS MACHADO26

Assentar sobre a subida das águas (2016)

SÓNIA BAPTISTA27

O que fica do que passa (2013)

TERESA SILVA & FILIPE PEREIRA28

p de dança....

a Gulbenkian e a dança em Portugal

24-27.jun 1-4.jul 2021

Desde a extinção do Ballet Gulbenkian, em 2005, que a ação da Fundação Calouste Gulbenkian na dança se foca na atribuição de bolsas – de estudo, criação e internacionalização – que financiam projetos independentes de dança contemporânea de artistas maioritariamente em início de atividade. Ao convite para elaborar um programa que reunisse uma série de trabalhos apoiados pela Fundação, esta mostra responde com a apresentação de um conjunto de duas dezenas de peças, de entre mais de uma centena de artistas bolseiros do Programa Gulbenkian Cultura entre 2011 e 2017. A qualidade viva de cada uma dessas peças e a própria natureza efémera da dança justifica que a maioria não seja apresentada há vários anos. Algumas há que nunca foram apresentadas em Lisboa e outras mesmo em Portugal. De tal forma que a re-performance que agora se propõe contribui não só para repensar a ideia de repertório, como também para renovar um olhar sobre as peças aos olhos do presente.

Em causa, nestes trabalhos, está uma multiplicidade de indagações pelo questionamento do estado cinético do corpo, pela teatralidade de seres inanimados e inorgânicos, pela utilização da palavra como coreografia do sentido e da sensação, ou pela performatividade de género enquanto algo complexo e não linear. Estas inquietações testemunham o carácter versátil do que é a dança hoje enquanto prática expandida, muitas vezes alheia ao próprio corpo. Dança é por si só um modo de ação sem categoria em que todas as disciplinas se cruzam e todos os formatos coexistem colocando em causa os sistemas de apresentação e representação: sejam eles uma performance, uma exposição, uma visita guiada, uma conferência, uma entrevista, um concerto, um recital. Fazer-se dança hoje não significa apenas mover-se no espaço e no tempo, mas compor situações, assumir visões e perspetivas por entre as possibilidades de cada mundo. Juntos, os artistas que compõem esta mostra constroem um retrato parcial de uma geração marcada por um contexto de produção em que projetos de pequena dimensão, com equipas reduzidas, precários, fruto do mercado de trabalho cada vez mais liberal, são preponderantes. E por eles se pode contemplar a diversidade que constitui a cena da dança emergente em Portugal na última década.

Inicialmente prevista para 2018 e concebida para ocupar todos os espaços da Fundação, esta mostra, que por conta da pandemia está agora circunscrita a espaços de apresentação formais, não deixa de cumprir uma dupla função. Por um lado, revitalizar o circuito da dança contemporânea no contexto pandémico atual, recolocando o questionamento do corpo e das suas formas de visibilidade no espaço público como determinantes numa sociedade que vê privada de corpo social, e, por outro, reforçar a relação da Fundação com a dança contemporânea para o futuro.

João dos Santos Martins, 11.4.2021



24...27 jun2021

*24 junho → quinta-feira*20h → LUÍS GUERRA, *Trovoada (2014)* 45min.AURORA PINHO, *Velvet N'Goldmine (2016)* 40min. – GRANDE AUDITÓRIO*25 junho → sexta-feira*19h → JOANA VON MAYER TRINDADE, *Nameless Natures (2015)* 30min. – SALA 120h → JOANA CASTRO, *Perto...Tanto Quanto Possível (2014)* 40min. – FOYER VIP21h → MATTHIEU EHRLACHER, *Cocoon (2017)* 50min. – AUDITÓRIO 2*26 junho → sábado*

11–17h → LUÍS MIGUEL FÉLIX & BEN EVANS,

O Museu Invisível (2013) MUSEU GULBENKIAN15h → *Conversa/demonstração, I'd Rather Not* com ANDRESA SOARES,

JOÃO FERRO MARTINS & VERA MANTERO 60min. – AUDITÓRIO 3

16h30 → RITA NATÁLIO & JOANA LEVI,

Museu Encantador (2014, 2021) 60min. – SALA 218h → JOANA VON MAYER TRINDADE, *Nameless Natures (2015)* 30min. – SALA 119h → FLORA DÉTRAZ, *Gesächt + Tutuguri (2016)* 45min. – AUDITÓRIO 320h → JOANA CASTRO, *Perto...Tanto Quanto Possível (2014)* 40min. – FOYER VIP*27 junho → domingo*

11–17h → LUÍS MIGUEL FÉLIX & BEN EVANS,

O Museu Invisível (2013) MUSEU GULBENKIAN15h → DAVID MARQUES, *Kin (2014)* 40min. – GRANDE AUDITÓRIO

16h → RITA NATÁLIO & JOANA LEVI,

Museu Encantador (2014, 2021) 60min. – SALA 217h30 → FLORA DÉTRAZ, *Gesächt + Tutuguri (2016)* 45min. – AUDITÓRIO 3

18h30 → MARIANA TENGNER BARROS & MARK TOMPKINS,

A Power Ballad (2013) 70min. – AUDITÓRIO 220h → CATARINA MIRANDA, *Reiposto Reimorto (2015)* 45min. – GRANDE AUDITÓRIO

01...04 jul2021

1 julho → quinta-feira

20h → MARIA RAMOS, *Something Still Uncaptured (2013)* 40min. – GRANDE AUDITÓRIO
 21h30 → SOFIA DIAS & VÍTOR RORIZ,
Um gesto que não passa de uma ameaça (2011) 40min. – GRANDE AUDITÓRIO

2 julho → sexta-feira

19h → MIGUEL BONNEVILLE, *MB#8 (2011)* 40min. – AUDITÓRIO 3
 20h → SÓNIA BAPTISTA,
In the fall the Fox, e na queda raposar (2014) 60min. – AUDITÓRIO 2

3 julho → sábado

11–17h → LUÍS MIGUEL FÉLIX & BEN EVANS,
O Museu Invisível (2013) MUSEU GULBENKIAN
 15h30 → VITALINA SOUSA, *Do we dream every night? (2015)* 15min. – SALA 1
 16h → GUSTAVO CIRÍACO & ANTÓNIO PEDRO LOPES,
Em Deriva (2010) 60min. – SALA 2
 17h30 → VITALINA SOUSA, *Do we dream every night? (2015)* 15min. – SALA 1
 18h → MIGUEL BONNEVILLE, *MB#8 (2011)* 40min. – AUDITÓRIO 3
 19h → DINIS MACHADO, *Cyborg Sunday (2014)* 50min. – FOYER VIP

4 julho → domingo

11–17h → LUÍS MIGUEL FÉLIX E BEN EVANS,
O Museu Invisível (2013) MUSEU GULBENKIAN
 15h30 → VITALINA SOUSA, *Do we dream every night? (2015)* 15min. – SALA 1
 16h → GUSTAVO CIRÍACO & ANTÓNIO PEDRO LOPES,
Em Deriva (2010) 60min. – SALA 2
 17h30 → VITALINA SOUSA, *Do we dream every night? (2015)* 15min. – SALA 1
 18h → SÓNIA BAPTISTA,
Assentar sobre a subida das águas (2016) 75min. – AUDITÓRIO 2
 19h30 → DINIS MACHADO, *Cyborg Sunday (2014)* 50min. – FOYER VIP
 21h → FILIPE PEREIRA & TERESA SILVA,
O que fica do que passa (2013) 35min. – GRANDE AUDITÓRIO

29 de junho → 4 de julho

Exposição de fotografias Do we dream every night? (2015)
 CATARINA BOTELHO, PEDRO TROPA & TERESA SANTOS
 HALL DA ZONA DE CONGRESSOS

Trovoada (2014)

LUÍS GUERRA

45min./M12

24 JUNHO – QUINTA-FEIRA – 20H – GRANDE AUDITÓRIO

Nas suas “Seis propostas para o próximo milénio”, Italo Calvino fala de como “A rapidez e a concisão do estilo agrada porque apresenta à alma um amontoado de ideias simultâneas [...] que ou não consegue abraçá-las todas de uma vez nem plenamente cada uma delas, ou não tem tempo de ficar ociosa e vazia de sensações [...]”. *Trovoada*, de Luís Guerra, transporta algo desta desordem para cena: uma explosão tempestuosa em modo de presságio traduzido numa coreografia errática sem pontos de apego além da música. Dez anos depois de ter dançado com o Ballet Gulbenkian nos últimos anos da sua existência, Luís Guerra regressa agora ao palco do Grande Auditório na remontagem do seu próprio trabalho ao lado da pianista Joana Gama.



Dirigido por **LUÍS GUERRA**

Interpretado por **JOANA GAMA** (pianista) & **LUÍS GUERRA** (bailarino)

Música electrónica original composta por **ULRICH ESTREICH**

Música para piano original composta por **JOÃO GODINHO**

Luzes e direção técnica por **ANATOL WASCHKE**

Produzido por **LUÍS GUERRA** com o apoio de **AGÊNCIA 25**

Luís Guerra nasceu em Lisboa há trinta e cinco anos atrás e desde muito pequeno que dizia aos pais que queria dançar. E assim foi. Estudou dança no Conservatório e coreografia na Gulbenkian e tem interpretado criações de diversos autores sendo recorrente a sua participação em obras de Tânia Carvalho. Paralelamente ao mundo do movimento e do gesto, entrega-se também com muita paixão às artes visuais, nomeadamente à pintura e ao desenho, disciplinas que estuda atualmente no ArCo.

Joana Gama (Braga, 1983) é uma pianista portuguesa que se desdobra em múltiplos projetos quer a solo quer em colaborações nas áreas do cinema, da dança, do teatro, da fotografia e da música. Doutorada pela Universidade de Évora, prossegue as suas investigações enquanto membro do CESEM/NOVA FCSH. A sua discografia está presente nas editoras Shhpuma, Room40, mpmp, Pianola, Grand Piano e Boca/Douda Correria.

→ *Trovoada* recebeu a bolsa de apoio à criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2014. → *Estreia: 4 de outubro de 2014 no Festival Circular de Artes Performativas, Teatro Municipal de Vila do Conde.*

Velvet N' Goldmine (2016)

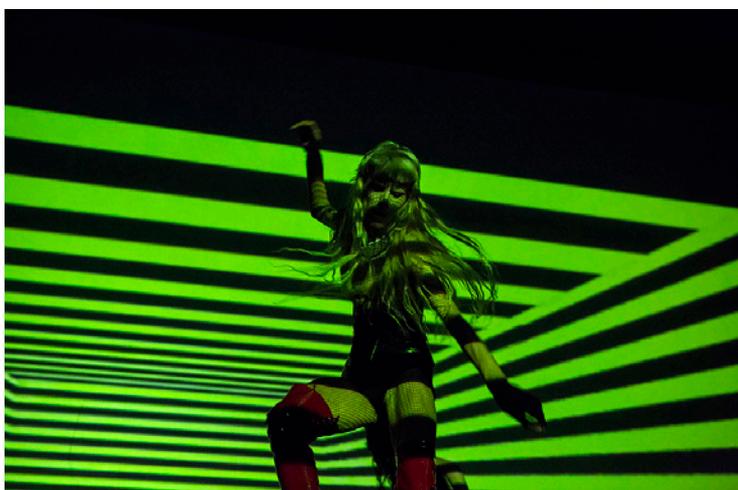
AURORA PINHO

40min./M12

24 JUNHO – QUINTA-FEIRA – 21H – GRANDE AUDITÓRIO

(O espetáculo inclui luzes estroboscópicas e fumo em cena. Espetáculo apresentado na mesma sessão que *Trovoada* de Luís Guerra.)

“O significado não está nas coisas mas entre elas”. Criado em 2016, *Velvet N' Goldmine* marca um momento no trabalho de Aurora Pinho em que a performatividade de género não é apenas matéria de representação mas uma prática consciente do dia a dia. E é por esse dia a dia que Aurora vagueia, nas ruas do Porto, entrevistando passantes e convidados sobre questões de género e liberdade. No palco a mundividência da rua contrasta com um ritual de performance que tanto é um concerto de diferentes *personas* quanto uma passarela de identidades, por entre as quais Aurora reivindica o direito à androgeneidade e à “flutuação transgénica”.



Conceção, direção, coreografia, interpretação, cenografia, som e texto: [AURORA PINHO](#)

Desenho de luz: [DIOGO MENDES & JOANA TORRINHA](#)

Guarda roupa: [AURORA PINHO & TIAGO DA COSTA](#)

Convidados: [ODETE, MANUEL COSTA & NAJIA MATTOS](#)

Fotografia: [DIANA SANTOS, DIOGO BESSA & RODRIGO TIAGO](#)

Poema: [JOSÉ DIOGO NOGUEIRA](#)

Cabelo e imagem: [JORGE BRAGADA](#)

Apoio: [CINETEATRO ANTÓNIO LAMOSO, MALA VOADORA, RUA DAS GAIVOTAS 6](#)

Produção: [HEURTEBISE](#)

Parceiros: [AAD, COMPANHIA INSTÁVEL, QUEER PORTO, PÓLO|CAIXA DAS ARTES](#)

Agradecimentos: [XANA NOVAIS](#)

Aurora Pinho (Porto, 1991) é artista, música, bailarina, modelo e atriz. Desenvolveu *Flesh Against Flesh*, *Nymphomaniac*, *Útero*, *Heteroptera*, *Aurora de Areia* e *Rave in a Cave*. Trabalhou com vários artistas como Teatro Praga, João Pedro Vale, Filipe Sambado, Vaiapraia, António Onio, Cyril Viallon,

Odete, Né Barros, Marco da Silva Ferreira, Moullinex, Joclécio Azevedo entre outros. Recentemente desenvolveu a curta *Aurora* com Carlota Flor e o filme *Break Your Dick* com Pedro Rei.

→ [Velvet N'Goldmine](#) recebeu a bolsa de criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2016.

→ [Estreia: 5 de outubro de 2016, Rua das Gaivotas 6, Lisboa.](#)

Nameless Natures (2015)

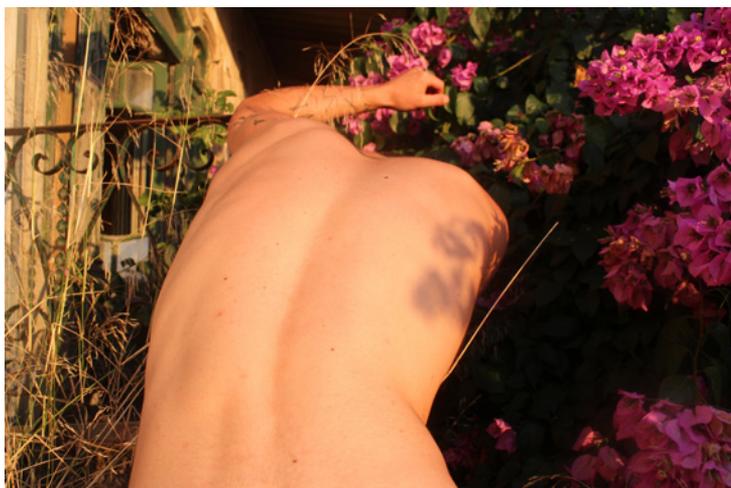
JOANA VON MAYER TRINDADE

30min./M12

25 JUNHO – SEXTA-FEIRA – 19H – SALA 1

26 JUNHO – SÁBADO – 18H – SALA 1

Imagens sem nome e sem discurso contrapõem a ideia de uma natureza morta, na qual se observariam objetos inanimados reconhecíveis do dia a dia. Em *Nameless Natures*, Joana von Mayer Trindade foca-se na produção de imagens através de um corpo sem rosto enquadrado entre duas paredes. Ao mesmo tempo que se limita o ponto de perspetiva, abre-se espaço para construir sobre esse corpo identidades múltiplas. Por um lado algo estranho e irreconhecível, por outro algo familiar que suscita uma sensação de confusão ou mesmo de terror. E na interação entre o que acontece e o olhar de cada espetador é ativado um lugar da imaginação para naturezas várias.



Conceção e coreografia: [JOANA VON MAYER TRINDADE](#)

Direção artística: [HUGO CALHIM CRISTÓVÃO](#)

Interpretação: [BRUNO SENUNE](#)

Som: [JONATHAN ULIEL SALDANHA](#)

Figurinos: [JOANA VON MAYER TRINDADE](#)

Assistência de desenho de luz: [ZECA IGLÉSIAS](#)

Produção executiva: [NUISIS ZOBOP](#)

Residências artísticas: [ATALAIA ARTES OURIQUE](#), [COMPANHIA INSTÁVEL](#), [O ESPAÇO DO TEMPO](#), [NEGÓCIO/ZDB](#)

Agradecimentos: [ANA TRINCÃO](#)

Joana von Mayer Trindade (Porto, 1975) coreógrafa, bailarina e professora. Mestre em Solo, Dance, Authorship – SODA (Universidade das Artes de Berlin, UDK/HZT). Licenciada em Psicologia (Universidade Porto), conclui o Curso de Intérpretes de Dança

Contemporânea do Forum Dança e o curso Essais do CNDC d'Angers sob a direção de Emmanuelle Huynh. Juntamente com Hugo Calhim Cristóvão funda o grupo de pesquisa NuIsIs ZoBoP (2004) com o qual produz diversas obras em colaboração.

→ *Nameless Natures* recebeu a bolsa de apoio à criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2014. → Estreia: 7 de fevereiro de 2015, Teatro Rivoli, Porto.

Perto... tanto quanto possível (2014)

JOANA CASTRO

40min./M16

25, 26 JUNHO – SEXTA-FEIRA, SÁBADO – 20H – FOYER VIP

Joana Castro invoca o espaço de intimidade de uma relação despojada no lugar de maior exposição. Uma impossibilidade à partida. Criado em 2014, este projeto partia da historiografia da sexualidade que diariamente as duas pessoas – Joana e Bruno – construía isoladamente na vida real, confrontada com a estória da sensualidade momentânea construída em performance. Para a apresentação na Gulbenkian, a peça é repensada e interpretada por Joana e Francisco, e, portanto, a partir de uma nova relação que está por se estabelecer: “duas pessoas genericamente diferentes, vão encontrar-se num espaço de ficção, que é sempre um espaço de desejo – o palco (e, concomitantemente, a dança) é esse lugar sem género que impõe um olhar crítico sobre a pulsão do que nos atrai, cativa, excita ou invade.” (Rogério Nuno Costa)



Conceção, direção, guarda roupa e desenho de luz: [JOANA CASTRO](#)

Interpretação: [FRANCISCO ROLO & JOANA CASTRO](#)

Elenco original: [BRUNO SENUNE & JOANA CASTRO](#)

Música original: [FLÁVIO RODRIGUES](#)

Fotografia: [BRUNO ALEXANDRE](#)

Residências artísticas e apresentações: [PALCOS INSTÁVEIS](#), [TEATRO MUNICIPAL CAMPO ALEGRE](#), [LA MARMITA](#), [VOLKSROOM](#) (Bruxelas), [LAKE STUDIOS](#) (Berlim), [FESTIVAL QUEER PORTO](#), [RUA DAS GAIVOTAS 6](#), [FESTIVAL CONTRADANÇA](#).

Joana Castro (Porto, 1988) desenvolve o seu trabalho entre a dança, a performance e o som. Conclui os seus estudos no Balletteatro Escola Profissional em 2006, frequenta o Programa de Estudo, Pesquisa e Criação Coreográfica no Fórum Dança em 2008, e o curso de pós-graduação em performance na Faculdade de

Belas Artes do Porto. Como performer colaborou com Carlota Lagido, Joclécio Azevedo, Bruno Alexandre, Né Barros, Ana Borralho e João Galante, Victor Hugo Pontes, entre outras. Neste momento desenvolve uma colaboração com Maurícia | Neves a estrear na BoCA.

→ [Perto... tanto quanto possível](#) recebeu a bolsa de apoio à criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2014. → *Estreia: 16 de maio 2014, Palcos Instáveis, Teatro Municipal Campo Alegre, Porto.*

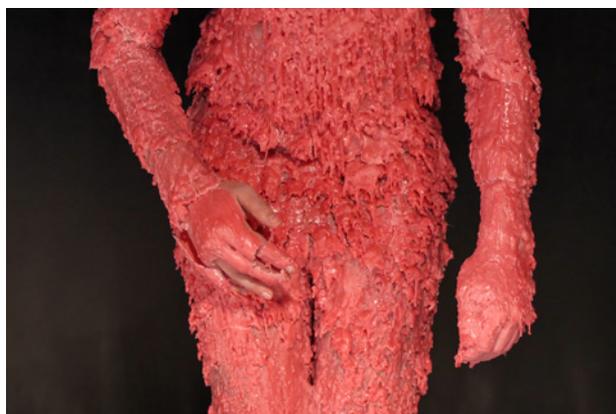
Cocoon (2017)

MATTHIEU EHRLACHER

50min./M12

25 JUNHO – SEXTA-FEIRA – 21H – AUDITÓRIO 2

Numa conferência de 2012, Peggy Phellan dizia que “em todas as peças do Beckett, a dificuldade de se mover – seja física, amorosa ou filosoficamente – constitui o cerne dramático da ação.” *Cocoon*, de Matthieu Ehrlicher, estabelece à partida uma relação de imobilidade e expectativa na relação entre uma cenografia e um corpo que perguntam: o que pode acontecer agora? O corpo incorpora a cenografia e ao mesmo tempo está dentro dela, procurando no mínimo movimento um percurso de amplificação. A estranheza deste objeto que se mexe, que fala, que para, que olha, que escuta, conduz o olhar do público por uma viagem de pormenores e intensidades que nunca é a mesma. Um objeto animado e inanimado, com personalidade, através do qual é estabelecida uma relação entre o absurdo de uma situação impossível e a confrontação com os mecanismos de ação do teatro.



Criação e interpretação: **MATTHIEU EHRLACHER**

Luz, espaço cénico e assistência artística: **TIAGO GANDRA**

Sonoplastia: **JOÃO BENTO**

Apoio ao figurino (criação): **CATARINA GONÇALVES**

Apoio ao figurino (digressão): **BERNARDO CHATILLON**

Produção: **O RUMO DO FUMO**

Acolhimento: **TEATRO DA GARAGEM**

Apoio: **CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA/PÓLO CULTURAL GAIVOTAS, CASA DA DANÇA, CAUSAS COMUNS, COMPANHIA OLGA RORIZ, EIRA, FORUM DANÇA, MARIA MATOS TEATRO MUNICIPAL, TEATRO DO ELÉCTRICO E TEATRO DA GARAGEM - TEATRO TABORDA**

Agradecimentos: **ANDRESA SOARES, ANTONIETA LOPES, BEATRIZ SIMÕES HENRIQUES, CÁTIA LEITÃO (ALFACE), FILIPE CALDEIRA, FRANCISCA MANUEL, JOÃO FERRO MARTINS, LARA BOTICARIO, LUIS GANDRA, MELISSA EHRLACHER, SEZEN TONGUZ, TERESA SILVA, URÂNDIA ARAGÃO**

O Rumo do Fumo é uma estrutura apoiada pela República Portuguesa | Cultura/Direção-Geral das Artes

Matthieu Ehrlicher (Figeac, França, 1984) veio viver para Portugal em 1989. Estudou música na Escola de Jazz Luiz Villas-Boas entre 2004 e 2009. De 2010 a 2012 fez o Programa de Estudo, Pesquisa e Criação coreográfica do Forum Dança. Criou várias peças individualmente e em coletivo e foi apoiado pel’O Rumo

do Fumo de 2013 a 2017. Enquanto músico tocou com várias bandas e tem vindo a desenvolver o seu projeto musical a solo com saxofones, a tocar com a banda *dUASsEMicoLCHEIASiNVERTIDAS* e um duo de música com Tânia Carvalho.

→ *Cocoon* recebeu a bolsa de apoio à criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2016.

→ *Estreia: 29 abril 2017, Ciclo Try Better, Fail Better’17, Teatro Taborda, Lisboa.*

O Museu Invisível (2013)

LUÍS MIGUEL FÉLIX & BEN EVANS

26, 27 JUNHO, 3, 4 JULHO – SÁBADO, DOMINGO – 11H–17H

– MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

ESTREIA EM PORTUGAL

Não há nada para ver n’*O Museu Invisível*. O seu acervo é constituído por descrições de objetos, experiências e situações “doadas” pelos visitantes do Museu e faz-se acessível por meio de visitas oferecidas por guias que recontam, de memória, estes objetos. As obras do *Museu Invisível* podem deformar-se ou mesmo desaparecer de acordo com a memória – ou o esquecimento – de cada um de seus guias. *O Museu Invisível* reinventa o espaço de exposição para tornar visíveis outras possibilidades, transformando a materialidade dos objetos de arte e desafiando o seu valor e propriedade. *O Museu Invisível* não é um edifício em si, mas encontra abrigo temporário dentro de outros museus, desta vez no Museu Calouste Gulbenkian.



Concebido, apresentado e produzido por: **BEN EVANS & LUÍS MIGUEL FÉLIX**

Organizado em colaboração e com o apoio de: **EKZENA, MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE ZAGREB (MSU), LA FERME DU BUISSON, DIMENTI PRODUÇÕES CULTURAIS**

Agradecimentos a todos os guias do Museu Invisível:

Zagreb: **NINO BOKAN, MARTINA GRANIĆ, MARKO KALC e NIKOLINA KOMLJENOVIC**

Paris: **JEAN DELAHAYE e JULIA KAMIENIAK**

Salvador: **BENTO SIMAS, LISA VIETRA, VERA PESSOA e VICTOR CORUJEIRA**

Luís Miguel Félix (Braga, 1982) é formado em Estudos Teatrais pela ESMAE no Porto, participou no programa de pesquisa coreográfica ex.e.r.ce em 2008 concebido por Xavier Le Roy em Montpellier e concluiu o mestrado em Teoria Crítica e Estudos Museológicos dirigido por Paul B. Preciado no MACBA, em Barcelona, em 2014. Destaca os trabalhos criados em estreita colaboração com Xavier Le Roy, Juan Dominguez, Maria Jerez, Sidney Leoni, Ben Evans e Saša Asentić. Vive atualmente em Los Angeles onde, paralelamente às iniciativas artísticas, trabalha na área da Saúde Pública da comunidade LGBTQ e em ações que visam o fim da epidemia do HIV.

Ben Evans (USA, 1982) é graduado em Estudos Teatrais pela Universidade de Yale, estudou cenografia e movimento na escola Jacques Lecoq em Paris antes de concluir o seu Mestrado em Performance Contemporânea na Universidade de Paris 8. Desde 2010 trabalhou como performer e coreógrafo, salientando as colaborações com Myriam Lefkowitz, Sidney Leoni, Maria Jerez e Xavier Le Roy. É atualmente o Diretor de Programação e Curador da Galeria ace/121 em Los Angeles e está a concluir uma pós-graduação em Realidade Virtual e Construção de Mundos no Instituto de Arquitectura do Sul da Califórnia com Liam Young.

→ [*O Museu Invisível* abriu as suas portas pela primeira vez no Museu de Arte Contemporânea de Zagreb \(MSU\), Croácia, em outubro de 2013.](#) → [*O Museu Invisível* recebeu a bolsa de apoio à criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2013.](#)

I'd Rather Not – Conversa/demonstração

COM ANDRESA SOARES, JOÃO FERRO MARTINS & VERA MANTERO
60min./M12

26 JUNHO – SÁBADO – 15H – AUDITÓRIO 3

ENTRADA LIVRE MEDIANTE LEVANTAMENTO DE BILHETE

Pela impossibilidade de apresentar *Uma estadia de 50 minutos*, peça estreada em 2016, propôs-se a Andresa Soares uma conversa à volta da sua obra recente inspirada na icónica frase de *Bartleby* de Herman Melville – “preferia não o fazer”. Mas como conversar sobre algo a que não se assistiu? *I'd rather not* é um solo onde coexistem dois dispositivos: um solo de dança interrompido por 20 encontros explicitamente estabelecidos com as pessoas que ocupam os lugares de espetadores. Criado por Andresa Soares, Gonçalo Alegria e João Ferro Martins com a colaboração de Yael Karavan, foi estreado em janeiro de 2020 no PenhaSco – Arte Cooperativa. Vera Mantero participou então nesse espetáculo na qualidade de espetadora e será agora instigadora e mediadora desta conversa com Andresa Soares e com a participação de João Ferro Martins.



Andresa Soares (Lisboa, 1978), coreógrafa, bailarina e atriz. A sua formação dividiu-se entre as artes plásticas e a dança e, o seu trabalho procura atravessar livremente o uso da palavra, do movimento, da imagem, do som, da presença do público ou a consciente anulação de uma destas partes utilizando o constrangimento como a demanda que a formulação do projeto motiva. Foi fundadora da Máquina Agradável que co-dirigiu com Lúcia Soares (2002-2014). Atualmente integra o coletivo Apneia Colectiva.



João Ferro Martins (Santarém, 1979) trabalha como artista visual, sonoro e performativo. Licenciou-se em Artes Plásticas na Escola Superior de Arte e Design (Caldas da Rainha) tendo participado em inúmeras exposições individuais e coletivas. Produção tridimensional e questões relacionadas com pintura e música formam a base do seu trabalho. Desenvolve também inúmeras ações que envolvem teatro, performance e filme. É fundador, juntamente com Hugo Canoilas, do coletivo A kills B e faz parte dos projetos musicais CATARATA e Casal do Leste.



Vera Mantero (Lisboa, 1966) estudou dança clássica com Anna Mascolo e integrou o Ballet Gulbenkian entre 1984 e 1989 e tornou-se um dos nomes centrais da Nova Dança Portuguesa, tendo mostrado o seu trabalho amplamente por todo o mundo. Desde 2000 dedica-se também ao trabalho de voz, cantando repertório de vários autores e cocriando projetos de música experimental. Em 2002 foi-lhe atribuído o Prémio Almada (IPAE/Ministério da Cultura) e em 2009 o Prémio Gulbenkian Arte pela sua carreira como criadora e intérprete.

→ *I'd rather not* recebeu a bolsa de apoio à criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2019.

Museu Encantador (2014, 2021)

JOANA LEVI & RITA NATÁLIO

60min./M12

26 JUNHO – SÁBADO – 16H30 – SALA 2

27 JUNHO – DOMINGO – 16H – SALA 2

ESTREIA EM PORTUGAL

Museu Encantador foi desenvolvido em 2014 por Rita Natálio e Joana Levi no Brasil. O projeto propunha pensar a construção de um museu como performance, onde o corpo se oferecia como guia de encontros improváveis entre figuras da cultura portuguesa e brasileira com a contribuição de várias pessoas em trânsito entre esses dois lugares. Na percepção sobrenatural e popular do encantamento no Brasil, “encantar-se” é ficar ligada a um processo ou uma relação, ficar suspensa por um “feitiço” onde realidades se emaranham. A partir da memória deste projeto, Joana Levi, Rita Natálio e Teresa Silva revisitam a performance que desenvolveram há oito anos. Isso não é feito sem fantasmagoria, e convoca a reparação de equívocos e arquivos do processo. Será preciso literalmente desenterrar o museu e a sua arquitetura de poder, desentupir os canos do encantamento (de)colonial a céu aberto, nos jardins da Gulbenkian.



Conceção: **JOANA LEVI & RITA NATÁLIO**

Performance: **JOANA LEVI, RITA NATÁLIO & TERESA SILVA**

Direção técnica: **ARTUR PISPALHAS**

Espaços de ensaio: **PENHASCO**

Joana Levi (Rio de Janeiro, 1975) é performer, encenadora e dramaturga brasileira. Vive em Lisboa desde 2017. É formada em Filosofia/USP e mestra em Filosofia-Estética/FCSH-UNL. Nos últimos anos tem se dedicado a projetos experimentais e colaborativos que forjam uma cena atravessada por diferentes linguagens (da performance ao teatro, da dança ao pensamento filosófico) e que evocam relações de tensão do tipo centro-periferia expressas em contextos e conflitos urbanos, (pós)coloniais e de género.

Rita Natálio (Lisboa, 1983) é artista e pesquisador. Lésbica não-binária. Os seus espaços de prática relacionam poesia, ensaio e performance. Doutorando em Estudos Artísticos na FCSH-UNL e Antropologia na USP, com bolsa FCT, pesquisa o debate sobre o conceito de Antropoceno e o seu impacto nas relações entre arte, política e ecologia. A partir da sua pesquisa, realizou uma série de conferências-performance, entre elas *Antropocenas* (2017) com João dos Santos Martins, *Geofagia* (2018) e *Fóssil* (2020).

→ *Museu Encantador* recebeu a bolsa de apoio à internacionalização da Fundação Calouste Gulbenkian em 2015. → Estreia: 27 de setembro de 2014 no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Brasil.

Gesächt + Tutuguri (2016)

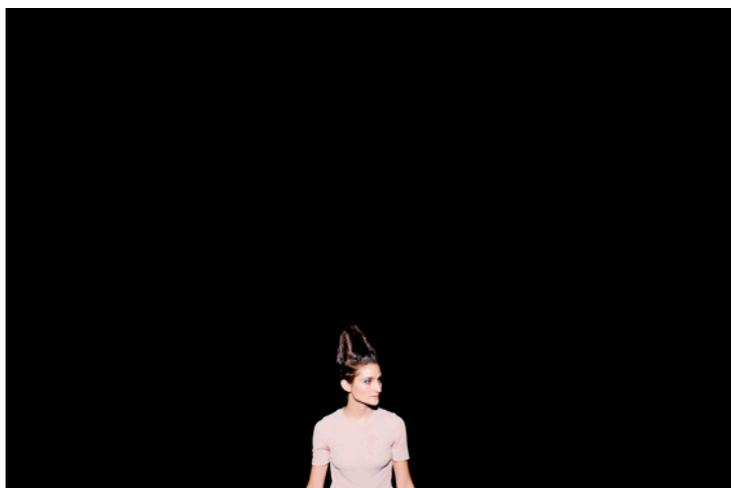
FLORA DÉTRAZ

45min./M12

26 JUNHO – SÁBADO – 19H – AUDITÓRIO 3

27 JUNHO – DOMINGO – 17H30 – AUDITÓRIO 3

Tutuguri é a parte final da peça sonora *Para Acabar com o Juízo de Deus* que Antonin Artaud interpretou para a rádio em 1947. Artaud profere a sua poesia como um ritual, no qual a linguagem, mais do que significativa, se expande e adquire um caráter performativo e encantatório. É a partir desse movimento transformativo do sentido para a sensação que Flora Détraz se concentra propondo a dessincronização entre micro-movimentos e sons que ora escapam, ora se rendem à relação com o gesto. Neste jogo de perceção o corpo é “povoado por sussurros, rangeres de animais, ruídos de crianças, barulhos de aliens, conversas e espasmos”, que o confundem e expandem para outras dimensões. *Tutuguri* é precedido de um prólogo, *Gesächt*, que explora os códigos da representação através da figura de uma cantora lírica, de uma diva decadente.



De e com: [FLORA DÉTRAZ](#)

Luzes: [ARTHUR GUEYDAN](#)

Olhar externo: [ANAÏS DUMAINE](#)

Produção: [PLI](#)

Coprodução: [MATERIAIS DIVERSOS \(Pt\)](#), [PACT ZOLLVEREIN \(De\)](#), [MA SCÈNE NATIONALE MONTBÉLIARD \(Fr\)](#), [RELAIS CULTUREL DE FALAISE \(Fr\)](#), [CCN DE CAEN \(Fr\)](#)

Residências artísticas: [RAMDAM](#), [UN CENTRE D'ART \(FR\)](#), [ALKANTARA \(PT\)](#), [ESPACIO AZALA \(ES\)](#)

Apoios: [DRAC NORMANDIE](#), [INSTITUT FRANÇAIS DU PORTUGAL](#)

Flora Détraz (Paris, 1988) formada em dança e estudos literários, integrou o curso dirigido por Maguy Marin (CCNR, Lyon) e participou no programa de pesquisa coreográfica PEPCC (Forum Dança, Lisboa).

Enquanto performer trabalhou com Marlene Monteiro Freitas, Miguel Pereira, Laurent Cèbe, Cédric Cherdel e Sara Anjo. Começou a desenvolver o seu próprio trabalho em 2013.

→ *Tutuguri* recebeu a bolsa de apoio à criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2016.

→ *Estreia*: 16 de setembro de 2016, Festival Materiais Diversos, Minde.

Kin (2014)

DAVID MARQUES

40min./M12

27 JUNHO – DOMINGO – 15H – GRANDE AUDITÓRIO COM PLATEIA
NO PALCO

(O espetáculo utiliza fumo em cena)

Em 2014, David Marques vivia em Israel onde era olhado como judeu de ascendência norte-africana, ao mesmo tempo que fazia viagens regulares a Portugal para investigar danças tradicionais. Neste período experienciava a estranheza de dois olhares. Por um lado, um olhar estrangeiro sobre o seu corpo, por outro, um olhar alheio sobre tradições que lhe eram culturalmente próximas. Nesse mesmo ano, David Marques produzia *Kin*, um trabalho no qual questiona o ato de ser visto, nomeadamente a dançar. E se a “dança é difícil de ver”, Marques amplia as linhas de perspectiva sobre o seu corpo, provocando com isso um estranhamento, não sobre a sua identidade, mas sobre a sua atividade, expondo e objetivando o labor da dança sob o prisma do espetador.



Conceção e interpretação: [DAVID MARQUES](#)

Desenho de luz: [RUI MONTEIRO](#)

Espaço cénico: [TIAGO PINHAL COSTA](#)

Apoio à dramaturgia: [IDO FEDER](#)

Apoio à sonoplastia em 2021: [MESTRE ANDRÉ](#)

Assistência de ensaios em 2021: [PATRÍCIA MILHEIRO](#)

Direção técnica e operação em 2021: [CARLOS RAMOS](#)

Residência: [O ESPAÇO DO TEMPO, ESPAÇO ALKANTARA & TEATRO VIRGÍNIA](#)

Produção executiva: [FRANCISCA RODRIGUES](#)

Produção executiva em 2021: [AGÊNCIA 25](#)

Coprodução: [CENTRO CULTURAL DE BELÉM, BOXNOVA 2014, ARTIST-CURATES
\(MAYA LEVY & HANNAN ANANDO MARS 2014\)](#)

David Marques (Torres Novas, 1985) é licenciado em Dança na ESD-IPL e participou na formação ex.e.r. ce, em França, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Além da sua atividade como intérprete com autores como Francisco Camacho, Filipa Francisco, Loïc Touzé, Raquel Castro ou Lucie Tuma,

começou a desenvolver o seu trabalho como coreógrafo em 2007 com o apoio da EIRA. Tem-se debruçado sobre as questões do olhar e do tempo, procurando criar espaços de relações improváveis nos seus trabalhos. Recebeu o Prémio Autores SPA para ‘Coreografia’ com a sua peça ‘Mistério da Cultura’.

→ *Kin* recebeu a bolsa de apoio à criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2014.

→ *Estreia*: 15 de novembro 2014, Teatro Virgínia, Torres Novas.

A Power Ballad (2013)

MARIANA TENGNER BARROS & MARK TOMPKINS

70min./M16

27 JUNHO – DOMINGO – 18H30 – AUDITÓRIO 2

(O espectáculo inclui luzes estroboscópicas e fumo em cena)

Em 2013, a artista de burlesco norte-americana Tempest Strom (1928 – 2021) tinha 83 anos e continuava a trabalhar desafiando o tempo e as convenções. A sua figura espelhava então um misto de dinâmicas antagónicas que contrastavam a ilusão do espetáculo com a desilusão da vida, e que serviram de inspiração para Mariana Tengner Barros e Mark Tompkins no momento de criação de *A Power Ballad*. Envoltos em memórias de um passado desejado e de baladas nostálgicas, Tengner Barros e Tompkins incorporam em cena “duas irmãs, estrelas excêntricas e decadentes do *showbiz*, que se confrontam com o envelhecimento e o vazio do pós-fama, obcecadas com o retorno aos palcos.” Juntas, questionam de forma irónica a dialética do poder e da imagem na sociedade do espetáculo, e vice-versa.



Conceito: [MARIANA TENGNER BARROS](#)

Textos, criação e performance: [MARIANA TENGNER BARROS & MARK TOMPKINS](#)

Participação especial: [ANTÓNIO MV & JONNY KADAVÉR](#)

Cenário: [MARIANA TENGNER BARROS, MARK TOMPKINS & ANTÓNIO MV](#)

Figurinos, vídeo e assistência à criação: [ANTÓNIO MV](#)

Desenho de luz e direção técnica: [NUNO PATINHO](#)

Sonoplastia: [FILIPE LOPES](#) • Música: *Mother* e *Unconditional Love*: [MARK TOMPKINS & MARIANA TENGNER BARROS](#) com arranjo de [FILIPE LOPES](#); Contrabaixo em *Mother*: [JOÃO PAULO ROSADO](#); *Lonely at the top*: [MARK TOMPKINS](#) com arranjo de [JONNY KADAVÉR](#)

Maquilhagem: [SÓNIA PESSOA](#) • Assistência tradução: [ELIZABETE FRANCISCA](#) • Sonoplastia: [FILIPE LOPES](#)

Produção: [EIRA](#) • Coprodução: [CENTRO CULTURAL DE BELÉM](#)

Apoios: [FUNDAÇÃO GDA](#) – Apoio à circulação de espetáculos, [NEORELVA](#), [NOBRE](#), [LARGO RESIDÊNCIAS](#)

[A EIRA](#) é uma estrutura apoiada pelo Governo de Portugal/DgArtes – Direção Geral das Artes

Mariana Tengner Barros (Coimbra, 1982) é coreógrafa, bailarina e performer. Licenciada em dança pela Northern School of Contemporary Dance em Leeds, completou ainda o Programa de Estudo e Criação Coreográfica no Fórum Dança em Lisboa. Foi artista associada da EIRA entre 2013 e 2016, e é atualmente diretora artística d'A BELA Associação. Colaborou com vários artistas como Francisco Camacho, Meg Stuart, John Romão, Ballet Contemporâneo do Norte, Diana Bastos Niepce e Elizabete Francisca. Com Mark Tompkins criou ainda a peça “Resurrection” em 2017.

Mark Tompkins (EUA, 1954) é bailarino, coreógrafo, professor e cantor a viver em Paris desde 1973, onde fundou a estrutura I.D.A. em 1983. A sua maneira singular de criar “objetos performativos não identificados” tornou-se a assinatura: solos, peças coletivas, concertos e improvisações que mesclam dança, música, voz, vídeo e texto, iniciados na década de 70 e em cumplicidade com o cenógrafo e figurinista Jean-Louis Badet desde 1988.

→ [A Power Ballad](#) recebeu a bolsa de apoio à criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2013. → [Estreia: 13 de dezembro de 2013, Centro Cultural de Belém, Lisboa.](#)

Reiposto Reimorto (2015)

CATARINA MIRANDA

45min./M12

27 JUNHO – DOMINGO – 20H – GRANDE AUDITÓRIO
COM PLATEIA NO PALCO

(O espetáculo utiliza fumo em cena)

Fascinada por estados de alteração da consciência, Catarina Miranda remete o seu trabalho para lugares de ficção atravessados por fenómenos e memórias, onde o passado e o futuro transitam entre sonho e realidade. Criado em 2015, *Reiposto Reimorto* fazia parte de uma trilogia intitulada *Rei* que convocava arquétipos de poder e violência. Na peça, seres anónimos lançam e revolvem esculturas de plástico que tanto invocam desperdício como corpos sem vida, criando um lugar de ambiguidade do qual emerge um monumento fantasmagórico. Com composição sonora de Jonathan Ulriel Saldanha, colaborador próximo e regular de Catarina Miranda, a revisitação da peça agora proposta reconstrói a interação entre matérias plásticas que, por entre o som de um órgão ibérico, compõe um coro antropomórfico de mistério e sublimação.



Direção artística/Cenografia: CATARINA MIRANDA

Cocriação coreográfica e performance: ANA RENATA POLÓNIA, CRISTINA PLANAS LEITÃO, RAÚL MAIA

Composição sonora: JONATHAN ULRIEL SALDANHA

Desenho de luz: SANTIAGO TRICOT

Produção executiva: VANDA CEREJO

Produção: SOOPA

Apoio: CRL - CENTRAL ELÉTRICA

Catarina Miranda (Coimbra, 1982) tem vindo a desenvolver discursos ficcionais, cujas linguagens intercetam dança, voz, cenografia e luz, abordando o corpo como um veículo de transformação de consciência. Concluiu o mestrado EXERCE no ICI-CCN (Montpellier/Fr)

e a licenciatura em Artes Visuais pela FBAUP; estudou Teatro NOH, no Kyoto Art Center, Japão. A peça *Cabraquimera* e a exposição *Poromechanics* são as suas mais recentes criações.

→ *Reiposto Reimorto* recebeu a bolsa de apoio à criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2015. → *Estreia: 23 de outubro de 2015, TMP Campo Alegre, Porto.*

Something Still Uncaptured (2013)

MARIA RAMOS

40min./M12

1 JULHO – QUINTA-FEIRA – 20H – GRANDE AUDITÓRIO COM PLATEIA NO PALCO

(O espetáculo utiliza fumo em cena)

Enquanto desenvolvia o ciclo de trabalhos de pesquisa coreográfica sob o título *Um Certo Grau de Imobilidade*, Maria Ramos iniciou um diálogo com o escultor Antony Gormley focado nos paradoxos da escultura. Dessa troca sobressai uma reflexão sobre a imobilidade enquanto ponto de expansão do movimento que viria a marcar profundamente o seu trabalho. Estreado em 2013 e agora remontado com os bailarinos Marta Cerqueira e Luís Guerra, *Something Still Uncaptured* coloca em diálogo a presença dos corpos no espaço com uma nuvem de fumo que paira no ar. Parado e simultaneamente em movimento quase imperceptível, este elemento ecoa e faz reverberar um sujeito paisagem por entre o movimento que se amplifica no espaço, sugerindo relações inesperadas nos meandros da percepção e da contemplação.



Conceito e coreografia: [MARIA RAMOS](#)

Desenho de luz: [VINNY JONES](#)

Colaboração artística: [VINNY JONES & MARTINHO R. FERNANDES](#)

Interpretação: [MARTA CERQUEIRA & LUÍS GUERRA](#) (criado em 2013 com [MARTA CERQUEIRA & BENEDETTA MAXIA](#))

Assistente de ensaios (remontagem 2021): [MARTA CERQUEIRA](#)

Desenho de som e operação ao vivo: [FRANCISCO SALGADO](#)

Direção técnica e operação de luz: [TASSO ADAMOPOULOS](#)

Produção e gestão financeira (2013): [TÂNIA M. GUERREIRO](#) • Coprodução: [CICLO SALA EXPERIMENTAL – TMJB, TEATRO VIRIATO, TEMPO – TEATRO MUNICIPAL DE PORTIMÃO E ESPACIO LEM](#) (Buenos Aires)

Parceiros: [FESTIVAL TEMPS D'IMAGES, FRANK MOHR INSTITUTE & ARTEZ University of the Arts, TEATRO VIRIATO, CAB CENTRO COREOGRÁFICO LISBOA – FUNDAÇÃO MARIA MAGDALENA DE MELLO](#)

Apoio financeiro: [GOVERNO DE PORTUGAL/SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA-DIREÇÃO GERAL DAS ARTES](#) • Agradecimentos: [DAVIDE COSTA e BENEDETTA MAXIA](#)

Maria Ramos (Oeiras, 1976) estudou Dança na Universidade das Artes de Arnhem – European Dance Development Centre entre 1996 e 2000 e fez o Mestrado em Coreografia na mesma universidade (ArtEZ), entre 2006 e 2008. Trabalhou com vários coreógrafos em Portugal, Holanda, Alemanha, Inglaterra e EUA, destacando a sua colaboração com Angus

Balbernie. Desenvolve o seu trabalho em Lisboa desde 2009, tendo coreografado *7pm/Rumour, Nerves Like Nylon, Something Still Uncaptured e Árida*. Leciona na Escola Superior de Dança, na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha e no Forum Dança.

→ *Um Certo Grau de Imobilidade*, do qual resultou a peça *Something Still Uncaptured*, recebeu a bolsa de apoio à criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2012. → Estreia: 7 de setembro de 2013, Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada.

Um gesto que não passa de uma ameaça (2011)

SOFIA DIAS & VÍTOR RORIZ

40min./M12

1 JULHO – QUINTA-FEIRA – 21H – GRANDE AUDITÓRIO COM PLATEIA NO PALCO

(O espetáculo utiliza fumo em cena)

Para um gesto ser uma ameaça tem de ser uma potência, mais do que uma arma. Sofia Dias e Vítor Roriz criaram *Um gesto que não passa de uma ameaça* em 2011, e logo foram agraciados com o Prémio Jardin d'Europe, cujo reconhecimento valeu ao trabalho uma ampla visibilidade e consequente circulação por toda a Europa. Nesta peça, o gesto tem o mesmo valor que a palavra e ambos operam num lugar de imanência. Da mesma forma que a palavra ganha sentido através do reconhecimento do seu som e da correspondência com uma representação, também aqui o gesto gera apreensão na sua concretude, mesmo que abstraída de sentido e significado. É um trabalho de cognição para o espetador que, mais do que ver, reconhece e cria associações livres mas não libertas do que a língua captura enquanto experiência sensível.



Direção, interpretação e texto: **SOFIA DIAS & VÍTOR RORIZ**

Som: **SOFIA DIAS**

Colaboração artística: **CATARINA DIAS**

Figurinos: **LARA TORRES**

Direção técnica e iluminação: **NUNO BORDA DE ÁGUA**

Produção executiva: **S&V + VÍTOR ALVES BROTAS (Agência 25)** • Coprodução: **BOX NOVA/CCB, O ESPAÇO DO TEMPO, CDCE** • Parceiros: **ALKANTARA, ACCCA, O RUMO DO FUMO, NEGÓCIO/ZDB, BAINS CONNECTIVE** • Projeto financiado em 2011 por: **GOVERNO DE PORTUGAL/SECRETARIA GERAL DA CULTURA – DGARTES** • Agradecimentos: **PIETRO ROMANI, MARIA RAMOS, CÂMARA MUNICIPAL DE MONTEMOR-O-NOVO, ANDRÉ PIRES CALVÁRIO, CLÁUDIA MATEUS**

Sofia Dias (Londres, 1983) & *Vítor Roriz* (Porto, 1980) são uma dupla de coreógrafos e bailarinos a colaborar desde 2006 na pesquisa e criação de vários espetáculos e performances, tendo colaborado em proximidade com estruturas como a Bomba Suicida, O Espaço do Tempo e Materiais Diversos. Enquanto dupla colaboraram com diversos artistas tais como,

Catarina Dias, Lara Torres, Marco Martins, Clara Andermatt, Mark Tompkins e Tiago Rodrigues. Lecionam regularmente e organizam residências e encontros de reflexão entre artistas em diferentes contextos tendo sido curadores da segunda edição do Programa Avançado de Criação em Artes Performativas do Fórum Dança em 2018/2019.

→ *Um gesto que não passa de uma ameaça* recebeu a bolsa de apoio à internacionalização da Fundação Calouste Gulbenkian em 2014. → Estreia: 2 de julho de 2011, Centro Cultural de Belém, Lisboa.

MB#8 (2011)

MIGUEL BONNEVILLE

40min./M12

2 JULHO – SEXTA-FEIRA – 19H – AUDITÓRIO 3

3 JULHO – SÁBADO – 18H – AUDITÓRIO 3

Miguel Bonneville #8 (MB#8) faz parte de uma série de nove espetáculos intitulados *Miguel Bonneville* – obras autobiográficas realizadas entre 2006 e 2012, que abordavam questões ligadas ao amor, à identidade, à sobrevivência e à morte.

Apresentado maioritariamente no escuro, *MB#8* aborda a impossibilidade de estar afastado de tudo e de todos. O desaparecimento só parece ser alcançável através da morte.

MB#8 é uma reflexão poética sobre a discrição, o desaparecimento, e a destreza da imaginação, perante a impossibilidade de ser livre numa sociedade viciada na lógica de aparecer e mostrar-se a qualquer custo, sociedade sob vigilância constante.



Direção, texto e interpretação: **MIGUEL BONNEVILLE**

Participação especial: **CLÁUDIA EFFE, DIOGO BENTO**

Registo vídeo: **CLÁUDIA VAREJÃO**

Produção: **MIGUEL BONNEVILLE, FESTIVAL TEMPS D'IMAGES**

Miguel Bonneville (Porto, 1985) introduz-nos a histórias autobiográficas centradas na desconstrução e reconstrução da identidade através de performances, desenhos, fotografias, vídeo, música e livros de artista. Desde 2003 criou os projetos seriados *Family*

Project, Miguel Bonneville e A Importância de Ser. Recebeu o Prémio Rede Ex Aequo (2015) pelas peças *Medo e Feminismos*, em colaboração com Maria Gil, e *A Importância de Ser Simone de Beauvoir*. É diretor artístico do Teatro do Silêncio.

→ *MB#8* recebeu a bolsa de apoio à criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2011.
→ *Estreia: 4 de novembro de 2011, Carpe Diem Arte e Pesquisa, Festival Temps d'Images, Lisboa.*

In the fall the Fox, e na queda raposar (2014)

SÓNIA BAPTISTA

60min./M12

2 JULHO – SEXTA-FEIRA – 20H – AUDITÓRIO 2

O trabalho recente de Sónia Baptista explora a inefável relação entre a escrita e a sua performance, no qual as palavras e a sintaxe formam uma cadência que determina a forma como o corpo se articula. *In the fall the fox, e na queda raposar* faz parte de uma série de monólogos-performance autobiográficos – dos quais se apresenta também *Assentar sobre a subida das águas* –, que vagueiam pela identidade da autora, esbatendo a fronteira entre o pessoal e o político. Neste trabalho foca a representação de uma “pessoa, mulher, bicho”, no caso uma raposa que, segundo a mitologia japonesa, pode assumir a forma humana, na qualidade de uma mulher, amiga, amante, que quanto mais velha, mais inteligente. Este é um trabalho de busca por essa maturidade, ao revelar, analisar e procurar na subjetividade uma narrativa de “ambiguidades, enganos e desenganos” na tentativa de se auto-clarear: “Primeiro, límpido se quer o olhar.”



Criação, interpretação, textos, figurinos, adereços, espaço cénico: [SÓNIA BAPTISTA](#)

Vídeo: [JOANA LINDA E SÓNIA BAPTISTA](#)

Ilustração: [BÁRBARA ASSIS PACHECO](#)

Piano: [JOANA BAGULHO](#)

Produção: [AADK](#)

Coprodução: [TEMPS D'IMAGES](#)

Acolhimento: [CÃO SOLTEIRO](#)

Agradecimentos: [ALEXANDRE LEMOS](#), [ANA VIDIGAL](#), [ANDRÉ GODINHO](#), [ANTÓNIO GOUVEIA](#), [BAHAR FATTAHI](#), [DIOGO MELO](#), [HELENA NOGUEIRA SILVA](#), [JOANA DILÃO](#), [LARA TORRES](#), [MARGARIDA BAK GORDON](#), [PAULA SÁ NOGUEIRA](#), [SIMON ELLIS](#), [VANIA ROVISCO](#).

Sónia Baptista (Lisboa 1973) tem o Curso de Intérpretes de Dança Contemporânea do Fórum Dança e o grau de Mestre em Coreografia e Performance da Universidade de Roehampton em Londres. No seu trabalho explora e experimenta com as linguagens da Dança, Música, Literatura, Teatro e Vídeo. Em

2001, foi-lhe atribuído o Prémio Ribeiro da Fonte de Revelação por *Haikus*. Tem oito livros publicados e inúmeros ensaios, poemas e escritos em revistas e plataformas digitais. Colabora em projetos de pedagogia, criação, escrita e reflexão. Artista Associada da AADK Portugal.

→ [In the fall the fox, e na queda raposar](#) recebeu a bolsa de apoio à criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2014. → Estreia: 13 de novembro de 2014, Festival Temps d'Image, Loja do Cão Solteiro, Lisboa.

Do we dream every night? (2015)

VITALINA SOUSA

15min./M12 – 3, 4 JULHO – SÁBADO, DOMINGO – 15H30 E 17H30 – SALA 1
EXPOSIÇÃO: 29 JUN. – 4 JUL. – HALL DA ZONA DE CONGRESSOS
CATARINA BOTELHO, PEDRO TROPA & TERESA SANTOS

“O peso do corpo constitui um outro paradoxo: se exige um esforço para o fazermos mexer-se, é também ele que nos transporta sem esforço através do espaço.”

in *Movimento Total* (2001), José Gil



Criação e interpretação: **VITALINA SOUSA**

Colaboração fotografia: **CATARINA BOTELHO, PEDRO TROPA E TERESA SANTOS**

Composição sonora: **DIOGO ALVIM**

Desenho de luz: **NUNO BORDA DE ÁGUA**

Agradecimentos: **CARLA SAMPAIO, GIORGIO MASTINU, TÂNIA GUERREIRO**

Apoios: **DUPLACENA/FESTIVAL TEMPS D'IMAGES, APPLETON SQUARE, CAAA – CENTRO PARA OS ASSUNTOS DA ARTE E ARQUITECTURA, FÓRUM DANÇA, ACCA – COMPANHIA CLARA ANDERMATT, UNIVERSIDADE DE LISBOA**

Vitalina Sousa. Após uma formação em Arquitectura e Artes Visuais, começou a sua formação em dança clássica e contemporânea. Trabalhou como bailarina com Robert Wilson, em filmes de João César Monteiro, em peças do Projecto Teatral, João Fiadeiro e Maria José Arjona. Criou e interpretou os solos

Catástrofe Natural, o belo apenas é o começo do terrível, algumas flores permaneciam, song unsung, Do we dream every night? e Delirium. Recebeu o Prémio Revelação Ribeiro da Fonte em Dança em 2004.

→ *Do we dream every night?* recebeu a bolsa de apoio à criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2015. → *Estreia: 12 de dezembro de 2015, Appleton Square, Festival Temps d'Images.*

Em Deriva (2010)

ANTÓNIO PEDRO LOPES & GUSTAVO CIRÍACO

60min./M12

3 E 4 DE JULHO – SÁBADO E DOMINGO – 16H – SALA 2

Quando apresentaram *Em Deriva* em Lisboa há nove anos atrás, António Pedro Lopes e Gustavo Ciríaco casavam-se em cena, cumprindo o preceito do projeto de mapear os afetos que correm numa cidade através de diferentes tipos de encontros. Este evento define a irrepetibilidade da performance, por um lado, mas também o caráter episódico deste projeto que abre um novo capítulo em cada cidade por onde passa. Passada uma década desde a sua primeira iteração e passagem por Rio de Janeiro, Taipé, São Paulo, Porto e Ponta Delgada, *Em Deriva* regressa a Lisboa com a bagagem de mais de um ano de pandemia para ressignificar a cidade onde se habita, em cumplicidade com 6 artistas seus residentes invisíveis, seu “corpo-exposição”.



Conceção geral: [ANTÓNIO PEDRO LOPES E GUSTAVO CIRÍACO](#)

Conceção e direção | episódio Gulbenkian: [GUSTAVO CIRÍACO](#) • Artistas participantes: [ANALU, FELIPE VIAN, GAYA DE MEDEIROS, GUSTAVO CIRÍACO, JOANA LEVI E JULIAN PACÓMIO](#) • Design de luz e som: [SANTIAGO TRICOT](#) • Produção: [GUSTAVO CIRÍACO](#) • Administração: [MISSANGA ANTUNES](#) • Elenco original [ANA ELISEU, ANDREA BRANDÃO, BRUNO CARACOL, CLARA KUTNER, CRISTINA ZABALAGA, EDUARDO FRAZÃO, MARTA REMA, PAOLO ANDREONI, RITA SOUSA MENDES E VÂNIA ROVISCO](#) • Parceiros: [BAMBOO CURTAIN STUDIO](#) (Taipé), [NEGÓCIO/ZDB](#) (Lisboa), [COMO CLUBE & CENTRO CULTURAL SÃO PAULO](#) (São Paulo), [SESC SANTO AMARO, MAUS HÁBITOS](#) (Porto), [WALK&TALK FESTIVAL DE ARTES](#) (Ponta Delgada) • Agradecimentos: [MARGARET SHIU, THELMA BONAVITA, MARTA FURTADO E NATXO CHECA, DANIEL PIRES, JESSE JAMES, MARCOS VILLAS BOAS, O CASAL GUI GARRIDO E RITA ALMIRO \(NOSSOS PADRINHOS\) E OS AMADOS PARTICIPANTES DE NOSSO EM DERIVA, 2012](#)

António Pedro Lopes (Ponta Delgada, 1981) trabalha movido por afetos, a construção de comunidade, a colaboração e a criação de espaço para o outro. Estudou teatro musical no Novo México, licenciou-se em teatro na Universidade de Évora e fez o curso de coreografia do Fórum Dança no Porto. Criou espetáculos em nome próprio e em colaboração com outros artistas e organizou inúmeros projetos coletivos como o Skite/Sweet&Tender Porto 2008, Celebração ou Meio Mundo Estrada Fora. Foi diretor artístico do TREMOR Festival em São Miguel, do Fabric Arts Festival em Fall River, EUA ou do centro cultural móvel MAPAS em Leiria. Atualmente é o diretor artístico de Azores 2027, o projeto de candidatura de Ponta Delgada/Açores à Capital Europeia da Cultura.

Gustavo Ciríaco (Rio de Janeiro, 1969) é um coreógrafo e artista contextual, cujo trabalho transita entre as artes performativas e as artes da imagem, a performance, a arquitetura, a antropologia e o paisagismo. Cientista político e bailarino de formação, o seu trabalho está marcado por um pronunciado perfil *site-specific*, fazendo dialogar contexto, geografia e habitação, realidade e ficção, numa pesquisa contínua desde há 20 anos sobre os campos extensivos da arte de fazer danças. Desde 2018, Ciríaco é artista pesquisador associado ao programa THIRD, da DAS–Universidade de Amsterdam, com a pesquisa *Cobertos pelo Céu*.

- [Em Deriva](#) recebeu a bolsa de apoio à criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2011.
- Primeira iteração do projeto: maio de 2010, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro.

Cyborg Sunday (2014)

DINIS MACHADO

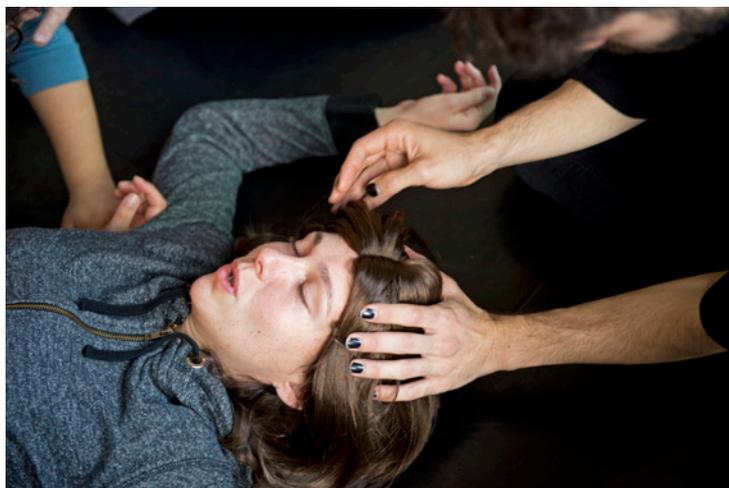
50min./M16

FOYER VIP

3 JULHO – SÁBADO – 19H – FOYER VIP

4 JULHO – DOMINGO – 19H30 – FOYER VIP

Dinis Machado cultivou o seu percurso por entre estudos de dança, teatro e artes visuais. Faz parte de uma geração de artistas que não encontraram o seu lugar em Portugal. Vive em Estocolmo desde 2012, viajando frequentemente pela Europa entre residências e apresentações. *Cyborg Sunday* foi criado em 2014 e ecoava precisamente a fragmentação de uma geração que se espalhou pela Europa perante a crise económica vivida em Portugal no início dos anos 2010. Cinco performers recordavam em voz alta memórias ficcionais que se materializam numa estrutura de sensações físicas que ganham forma no espaço. Convidada agora a revisitare esta peça e perante a crise pandémica atual, Dinis Machado convida um elenco residente em Lisboa para interpretar o trabalho e que, nas suas palavras “reflete gerações e fluxos emergentes que habitam e lutam por possibilidades agora” na cidade que deixou.



Dramaturgia, coreografia e realização plástica: [DINIS MACHADO \(SE/PT\)](#)

Interpretação: [ODETE \(PT\)](#), [JAJA ROLIM \(BR/PT\)](#), [NËSS \(PT\)](#), [A.VES \(PT\)](#), [NATÁLIA MENDONÇA \(BR/PT\)](#)

Criado originalmente em parceria com: [ANNA KOCH \(SE\)](#), [VICKY MALIN \(UK\)](#), [ODETE \(PT\)](#), [NIKOLAS KASINOS \(CY\)](#), [ISADORA MONTEIRO \(PT\)](#) E [CATHERINE LONG \(UK\)](#)

Olhar externo: [PEDRO MACHADO \(BR/UK/PT\)](#)

Residências: [IMPULSTANZ \(Viena\)](#), [DANCE4 \(Nottingham\)](#), [LUGAR INSTÁVEL \(Porto\)](#) E [WELD \(Estocolmo\)](#)

Coprodução: [BARCO \(PT\)](#), [Weld \(SE\)](#), [NEC/TEATRO MUNICIPAL DO PORTO \(PT\)](#) E [DANCE4 \(UK\)](#)

Apoio: [IMPULSTANZ NO ÂMBITO DO “LIFE LONG BURNING” FINANCIADO PELO PROGRAMA DA UNIÃO EUROPEIA CULTURA 2013-2018/DESENVOLVIDO COM O APOIO PARA AS ARTES DO ARTS COUNCIL ENGLAND](#)

Dinis Machado nasceu no Porto em 1987, viveu em Lisboa de 2005 a 2012 quando passou a viver em Estocolmo. Com formação em Dança e Artes Visuais, os seus trabalhos desenvolvem-se a partir do cruzamento destas duas áreas: onde o gesto concreto de construção plástica de objetos, espaços e corpos é

recuperado e trabalhado como material coreográfico. Trabalha como performer para teatro e dança desde 1994. Em maio de 2014 concluiu o MA em Coreografia na DOCH (Estocolmo) dirigido por Jefta Van Dinther e Frederic Gies.

→ [Cyborg Sunday](#) recebeu a bolsa de apoio à internacionalização da Fundação Calouste Gulbenkian em 2015. → *Estreia: 12 de fevereiro de 2015 em Weld, Estocolmo.*

Assentar sobre a subida das águas (2016)

SÓNIA BAPTISTA

75min./M12

4 JULHO – DOMINGO – 18H – AUDITÓRIO 2

“Num mundo flutuante não há finca-pé.” O trabalho recente de Sónia Baptista explora a inefável relação entre a escrita e a sua performance, no qual as palavras e a sintaxe formam uma cadência que determina a forma como o corpo se articula. *Assentar sobre a subida das águas* faz parte de uma série de monólogos-performance autobiográficos – dos quais se apresenta ainda *In the fall the fox*, e *na queda raposar* –, que vagueiam pela identidade da autora, esbatendo a fronteira entre o pessoal e o político. Neste trabalho foca uma “visão poética da possibilidade, mais que certa, e eminente, de uma catástrofe ou acontecimento catastrófico.” E relaciona esse sentimento trágico de irreversibilidade com a aceitação de um estado líquido de flutuação que é metáfora “da precariedade como forma de impermanência”.



Direção, conceção, escrita e interpretação: SÓNIA BAPTISTA

Vídeo: HÉLOISE MARECHAL E SÓNIA BAPTISTA

Violino: MARIA DO MAR

Pintura: PEDRO VAZ

Figurino: SÓNIA BAPTISTA E LARA TORRES

Livro: SÓNIA BAPTISTA E RAQUEL MELGUE

Coordenação, execução técnica e fotografia original: RAQUEL MELGUE

Coprodução: ALKANTARA, TRANSFORMA

Apoio: FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, CÃO SOLTEIRO

Produção: AADK

Agradecimentos: ANA, TERESA, HORÁCIO, BRIGITTE, EDUARDA, ANA VIDIGAL, CLARISSA SACHELLI, LUÍS FIRMO, THOMAS WALGRAVE, CLÁUDIA GALHÓS, LILIANA COUTINHO, ISAUQUE FERREIRA, NUNO MOURA, JOÃO CONCHA, PAULA SÁ NOGUEIRA, SOFIA CAMPOS, JOSÉ MANUEL BERNARDO

Sónia Baptista (Lisboa, 1973) tem o Curso de Intérpretes de Dança Contemporânea do Fórum Dança e o grau Mestre em Coreografia e Performance da Universidade de Roehampton em Londres. No seu trabalho explora e experimenta com as linguagens da Dança, Música, Literatura, Teatro e Vídeo. Em

2001, foi-lhe atribuído o Prémio Ribeiro da Fonte de Revelação por *Haikus*. Tem oito livros publicados e inúmeros ensaios, poemas e escritos em revistas e plataformas digitais. Colabora em projetos de pedagogia, criação, escrita e reflexão. Artista Associada da AADK Portugal.

→ *Assentar sobre a subida das águas* recebeu a bolsa de apoio à criação da Fundação Calouste Gulbenkian em 2016 → Estreia: 31 de maio de 2016, Alkantara Festival, Sala Mário Viegas, Lisboa.

O que fica do que passa (2013)

TERESA SILVA & FILIPE PEREIRA

35min./M12

4 JULHO – DOMINGO – 21H – GRANDE AUDITÓRIO

Teresa Silva e Filipe Pereira são dois coreógrafos da mesma geração cujo trabalho se caracteriza pelo interesse em processos colaborativos e se traduz em diversas cocriações com outros artistas e coletivos informais. Estreado em 2013, *O que fica do que passa* é o seu primeiro trabalho partilhado, resultado de um certo fascínio pelo espaço envolto e exterior ao corpo. O que fica do que passa são impressões, sensações, memórias sintetizadas num corpo boquiaberto que é atravessado por matérias, luz e som para criar uma coreografia visual que rejeita a linearidade do sentido mas cria uma ficção sensorial. Através da ativação de materiais precários, frágeis e banais dão a ver seres orgânicos ou fenómenos naturais que transportam a um lugar de maravilhamento.



Criação, interpretação, luz, sonoplastia e figurinos: [FILIPE PEREIRA E TERESA SILVA](#)

Coreografia: [TERESA SILVA](#) • Espaço cénico: [FILIPE PEREIRA](#) • Aconselhamento dramaturgico: [RITA NATÁLIO](#)

Direção técnica: [CARLOS RAMOS](#) • Música: [excerto de *Prélude à l'après-midi d'un faune* de CLAUDE](#)

[DEBUSSY](#) • Coprodução: [FESTIVAL MATERIAIS DIVERSOS](#) • Residências artísticas: [O ESPAÇO DO TEMPO, RESIDÊNCIAS ON/OFF \(Guimarães 2012\), ALKANTARA, PONTO DE ENCONTRO \(CASA MUNICIPAL DA JUVENTUDE, C.M. Almada\), CENTRO CULTURAL DO CARTAXO, O RUMO DO FUMO, ATELIER RE.AL, AUDITÓRIO MUNICIPAL AUGUSTO CABRITA, EIRA/TEATRO DA VOZ, PÓLO CULTURAL DAS GAIVOTAS | BOAVISTA](#) • Gestão Administrativa: [VÍTOR ALVES BROTAS | AGÊNCIA 25](#)

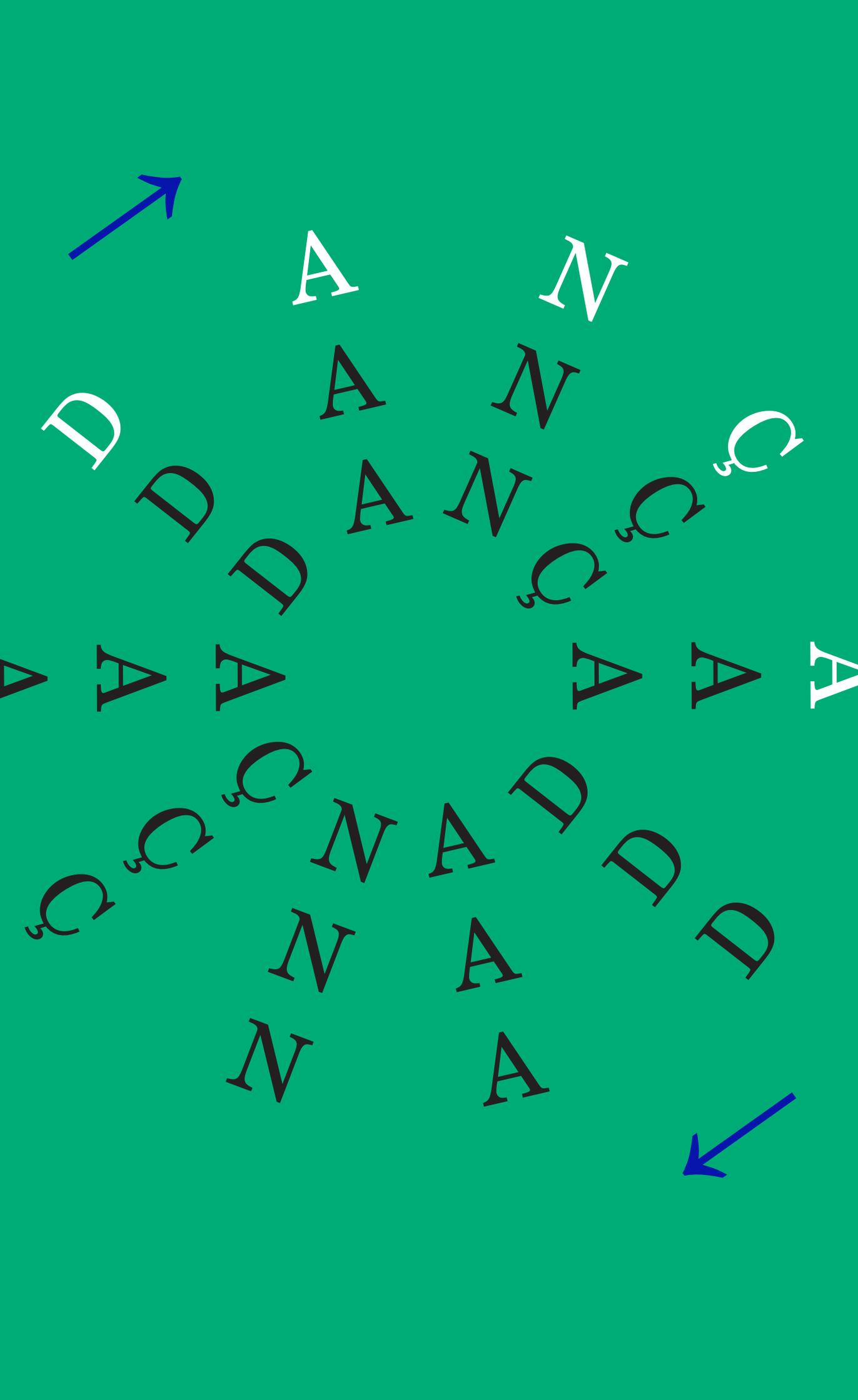
Agradecimentos: [ANDRÉ SOARES, ELIZABETE FRANCISCA, FRANCISCA PINTO E MARIA LEMOS](#)

Apresentação cofinanciada por [COMPETE 2020, Portugal 2020 e União Europeia através do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional \(Fundo de Coesão, Fundo Social Europeu, Fundos Europeus Estruturais e de Investimento\)](#).

Teresa Silva (Lisboa, 1988) é coreógrafa e bailarina, atividades que no seu percurso se informam mutuamente. Desenvolve o seu trabalho desde 2008, realizando colaborações com artistas nacionais e internacionais, movendo-se principalmente entre Portugal, França e Itália. Formou-se pela Escola de Dança do Conservatório Nacional, Escola Superior de Dança e pelo PEPCC - Programa de Estudo, Pesquisa e Criação Coreográfica do Forum Dança.

Filipe Pereira (Fátima, 1986) é coreógrafo, bailarino e designer floral. O seu trabalho tem-se desenvolvido a partir de uma reflexão sobre a hierarquia dos dispositivos nas artes cénicas, dispersando a prática de atribuição da coreografia ao corpo do performer para os outros elementos constituintes de um espetáculo, como a luz e a cenografia. Está interessado em considerar e tornar performático o processo natural de decomposição da flor de corte. Licenciou-se na Escola Superior de Dança e frequentou o PEPCC - Programa de Estudo, Pesquisa e Criação Coreográfica do Forum Dança.

→ [O que fica do que passa](#) recebeu a bolsa de apoio à criação da [Fundação Calouste Gulbenkian](#) em 2013. → [Estreia: 13 de setembro de 2013, Festival Materiais Diversos, Fábrica da Cultura, Minde.](#)



p de dança....
a Gulbenkian e a dança em Portugal

PROGRAMA GULBENKIAN CULTURA

MIGUEL MAGALHÃES, *Diretor*
MARIA HELENA MELIM BORGES,
Diretora Adjunta
ANTÓNIO CALDEIRA PIRES, *Coordenador*
para as Artes Performativas e Cinema
JOANA MARÇAL GRILO, *Produção executiva*
MARIA CRISTINA BARBOSA, *Produção executiva*

CURADORIA

JOÃO DOS SANTOS MARTINS

PRODUÇÃO EXECUTIVA (EXTERNA)

XICA AIRES

SERVIÇOS CENTRAIS

ANTÓNIO REPOLHO CORREIA, *Diretor*
MARIA JOÃO BOTELHO, *Diretora Adjunta*
PAULO MADRUGA, *Diretor Adjunto*

Direção de Cena

OTELLO LAPA
DANIELA OLIVEIRA, FLAVIANA BORGES,
HELENA SIMÕES, LEONOR AZEDO

Coordenação Técnica

JOÃO HORA

Iluminação

JOÃO ALVES CACHULO
FILIPE QUARESMA, GABRIEL VICENTE,
JOÃO MARCELO, JOÃO MONTE, JOÃO TEIXEIRA,
JORGE GONÇALVES, LUIS FERNANDES,
PEDRO SANTOS

Apoio montagens iluminação

DANIEL MORAIS, PEDRO FRUTUOSO

Montagem de Cena

RICARDO SANTANA
ALTHIERIS LEAL, ANTÓNIO VASCONCELOS,
DANILO VELOSO, JORGE GONÇALVES,
RICARDO JUNCEIRO, VITOR PEREIRA

Maquinaria de Palco

ALEXANDRE VITORINO, LEONEL PICARETA,
RICARDO ROSA, TIAGO SANTOS

Audio

JOÃO DIONÍSIO, JORGE SERIGADO,
MIGUEL ANDRADE, NUNO SILVA, PAULO BAÍA,
RICARDO GARÇÃO, TIAGO JONATAS

Video

JOSÉ GOUVEIA, RICARDO SILVA

SERVIÇO DE COMUNICAÇÃO

ELISABETE CAMELO, *Diretora*
LUÍS PROENÇA, *Diretor Adjunto*

SERVIÇO DE MARKETING

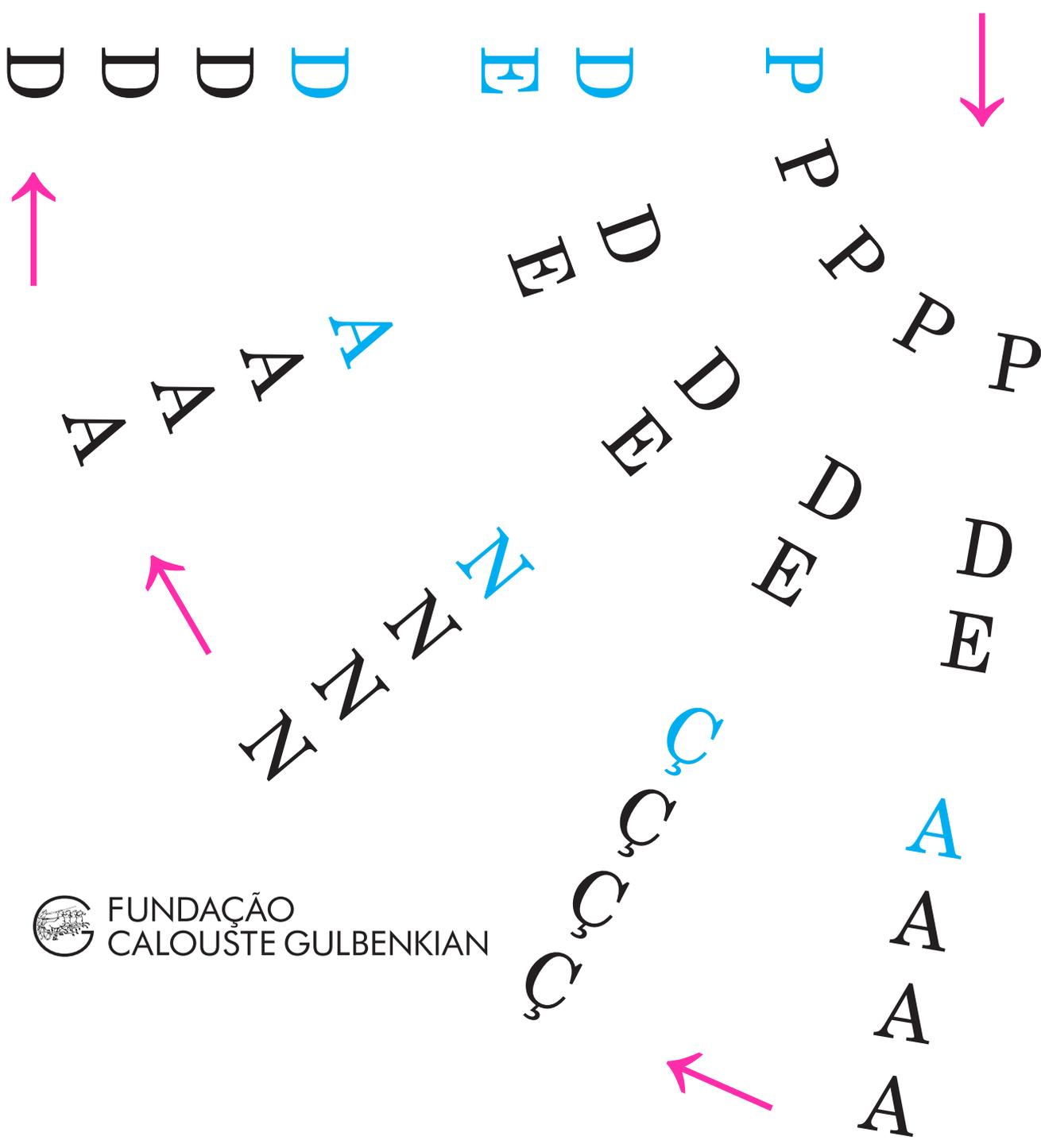
E TRANSFORMAÇÃO DIGITAL

NUNO PREGO, *Diretor*
SUSANA PRUDÊNCIO, *Diretora Adjunta*

DESIGN GRÁFICO

ISABEL LUCENA & MARIANA VELOSO





 FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN